

O arquivo e a biblioteca – acerca da última edição de *Os ossos do mundo*, de Flávio de Carvalho

Larissa Costa da Mata

Doutora em Teoria da Literatura pela UFSC, larissa.mata@gmail.com

Resenha do livro:

CARVALHO, Flávio Rezende de. *Os ossos do mundo*. Organização: Flávia Carneiro Leão e Rui Moreira Leite. Ed. rev. e ampl. Campinas: Unicamp, 2014.

Recebido em 01 de julho de 2015

Aceito em 08 de janeiro de 2016

A editora da Universidade Estadual de Campinas publicou recentemente uma nova edição do relato de viagens de Flávio Rezende de Carvalho, *Os ossos do mundo* (1936), organizada por Rui Moreira Leite, que vem se dedicando em catalogar o arquivo do autor em diversas publicações¹, e por Flávia Carneiro Leão, diretora do Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”(CEDAE), Unicamp, onde estão depositados a biblioteca e materiais diversos do arquivo de Carvalho². O volume foi elaborado com base em anotações marginais realizadas pelo autor em dois exemplares d’*Os ossos do mundo*, na primeira versão manuscrita do livro e no datiloscrito em inglês, o qual apresenta duas cópias de títulos diferentes, *The World Bones* e *Southern Meditations*³. Creio que o cotejo com este último elemento seja a maior contribuição que o presente volume nos deixa, especialmente porque evoca silêncios e lacunas presentes na interpretação do *arquivo* e da *biblioteca* desse autor. Tratando-se de versão praticamente idêntica ao texto em português, o material se distingue pela escolha do título e por incorporar ao capítulo “O berço da força poética”(em inglês, “The cradle of poetical force”) a conferência “O aspecto psicológico e mórbido da arte moderna”, também reproduzida na íntegra pelos editores⁴.

Os ossos do mundo consiste em uma interpretação cultural, estética e *estésica* dos territórios percorridos pelo artista viajante, permeada por disciplinas como a antropologia e a psicanálise, as quais deslocam o estranhamento que o

¹ Por exemplo, no catálogo da 17ª Bienal, da qual fora curador com Walter Zanini em 1983, e da exposição *Flávio de Carvalho*, que aconteceu no Museu de Arte Moderna de São Paulo em 2010.

² A biblioteca, infelizmente, está incompleta, mas os diversos exemplares restantes com as notas de leitura de Flávio de Carvalho consistem em um rico material para os pesquisadores interessados em entender as questões teóricas pertinentes a esse autor. O arquivo, por sua vez, que ainda se encontra em fase de organização e catalogação, se expandiu com a aquisição do material de pesquisa de J. Toledo em 2010, autor de Flávio de Carvalho: o comedor de emoções (1994).

³ Como os organizadores esclarecem, uma cópia é propriedade de colecionador particular; a outra se encontra na biblioteca Beinecke da Universidade de Yale, cujo acervo

Ocidente atribui às culturas primitivas para a velha Europa. É o segundo livro do autor, quem escreveu também *Experiência nº 2* (cuja primeira edição é de 1931) e *A origem animal de Deus e O bailado do Deus morto* (de 1973). Carvalho nos deixou, ainda, inúmeros textos dispersos na imprensa paulista e carioca, as séries de ficção-teórica publicadas no *Diário de São Paulo*⁵ e os datiloscritos de livros inéditos como *O mecanismo da emoção amorosa* (1934/1938) e *Meridiano sul* (1952).

O relato fora escrito quando Flávio de Carvalho partira para o continente europeu com o intuito de participar do Congresso de Psicotécnica em Praga, momento em que encontra o intelectual francês Roger Caillois, um dos fundadores do *Collège de Sociologie* (junto a Georges Bataille e Michel Leiris). Entretanto, para além da proximidade mais evidente com os surrealistas etnográficos, o autor realiza uma leitura ampla do modo como as vanguardas (expressionismo, surrealismo, abstracionismo) lidam com o dilaceramento deixado pelas guerras europeias e por seus regimes ditatoriais. São movimentos de vanguarda que, como se sabe, se valeram do contato com as ciências como a psicanálise, em especial a de Sigmund Freud inicialmente, e com a arte primitiva, sobretudo a africana, para reformularem a estética. Como afirma em “O aspecto psicológico e mórbido da arte moderna”, ao passo que o expressionismo expõe as feridas ainda sanguinolentas em suas telas, o surrealismo seria essencialmente tátil, buscando nas estatuetas africanas – como teriam feito dadá e o cubismo – uma arte que não privilegiasse a totalidade da forma:

[...] o surrealismo é muito tátil, ele pode ser tocado pois não suja: as feridas que porventura existam não são de natureza sangrenta. Essa tatibilidade estabelece um ponto de contato com a arte negra. As esculturas negras são produtos sobretudo táteis (CARVALHO, 2014, p. 93).

A afinidade com os intelectuais do *Collège de Sociologie* e o percurso de distanciamento e aproximação das fontes localizadas na biblioteca do autor, nos sugere que uma biblioteca não se organiza somente de acordo com uma classificação cartesiana (a alfabética ou a sistematização aritmética), pois se compõe de textos que possibilitam um aparato infinito de ordenamento, suscitado pela leitura e pela interpretação. Adotando uma perspectiva antievolucionista para abordar a cultura, a qual localiza os flagelos da história na

dedica-se a livros raros e a manuscritos, e fora localizada por mim durante o estágio sanduíche do doutoramento naquela universidade, entre outubro de 2011 e maio de 2012.

⁴ O texto fora proferido no Primeiro Salão de Maio e seria também lido no Segundo Congresso Internacional de Estética e Ciência da Arte em Paris. “L’aspect psychologique et morbide de l’art moderne” é publicado no jornal Dom Casmurro (Dom Casmurro, Rio de Janeiro, 7 jul. 1938, p. 6).

⁵ São as seguintes: “Rumo ao Paraguai” (publicada entre 1943 e 1944), “A moda e o novo homem” (de 1956) e “Os gatos de Roma/Notas para a reconstrução de um mundo perdido” (publicada entre 1957 e 1958).

própria civilização, e não em sua origem primitiva, Carvalho refuta as teses de autores que foram tão caros aos modernistas brasileiros quanto o filósofo alemão Hermann Graf Keyserling (1880-1946), ao qual se refere com o título de uma das versões de *Os ossos do mundo*, *Southern Meditations*.

Em *Südamerikanische Meditationen (Meditações sul-americanas)*⁶, Keyserling apresenta claramente o olhar de um europeu que se surpreende com o “arcaísmo” encontrado nas terras sul-americanas e que se situa, ainda, em contraposição à América do Norte e à Europa oriental. Desse modo, ele define as meditações como um abismo entre a vida telúrica (a América do Sul) e a elevação espiritual que pode ser atribuída ao continente de onde provém. Ao mesmo tempo, o homem sempre estaria vinculado à sua origem e retorna para ela na tentativa de ampliar o autoconhecimento e o conhecimento de seu entorno (“E por isso me sinto ligado ao seu solo e não ao meu”, KEYSERLING, 1933, p. 19). Essa “vida telúrica” pertence, inclusive, aos estágios primevos do desenvolvimento da natureza e da espécie humana, que se transmutam em formas diversas que não podem, no entanto, existir simultaneamente.

Já n’*Os ossos do mundo*, ou nas “meditações do sul”, Carvalho lança conclusões inusitadas sobre a compreensão do que é “ser civilizado”, ao sugerir, por exemplo, que meçamos o grau de civilidade dos povos por meio do cuidado com o ânus, e por isso inicia uma coleção de papéis-higiênicos. Em vez de “primitivos exóticos”, Flávio de Carvalho trata de um monarca cigano (rei nômade e, portanto, sem território)⁷, dos judeus errantes, dos ingleses, das ruínas da antiguidade, dos objetos expostos nos museus, da tradição da pintura dos “primitivos” italianos, povo que caracteriza por sua voracidade alimentícia e sexual. Portanto, o primitivo seria inseparável da cultura, e a sua arte reflete os sintomas inerentes à civilização, de modo que Carvalho compara as esculturas feitas com miolo de pão pelos loucos internos do Hospital do Juqueri⁸ com a catedral de São Marcos, mostrando uma repetição da forma patológica dessas obras na arquitetura italiana.

Por outro lado, como esta nova edição nos sugere, o arquivo é capaz de iluminar a biblioteca e de trazer à tona potências antes ocultas, afinidades inusitadas entre a obra e outros textos. De acordo com Carvalho, o papel do crítico cultural e do teórico seria o de desconfiar das evidências

⁶ Flávio de Carvalho possuía uma tradução francesa dessa obra, hoje localizada no CE-DAE: KEYSERLING, Hermann. *Méditations Sud-Américaines*. Traduites de l’allemand par Albert Béguin. Paris: Librairie Stock, 1932.

⁷ “[...] Mas tinha uma pergunta a fazer ao monarca, uma pergunta que ardia e excitava a minha curiosidade; que espécie de trono seria o seu...um trono portátil e leve, um trono desmontável, ou bem um trono pesado mas móvel, montado em carro. Era uma pergunta que envolvia a própria estabilidade do nomadismo cigano, e o assunto focalizado e impresso em entrevista poderia até mesmo despertar do torpor tradicional algum manceiro com mentalidade patente, ou algum ambicioso inventor de autogiros”(CARVALHO, 2014, p. 110).

⁸ Provavelmente, o autor se referia às obras expostas durante o Mês dos Loucos e das Crianças, que aconteceram no Clube dos Artistas Modernos em 1933 sob a organização de Flávio de Carvalho e de Osório César.

e de buscar camadas ocultas da história, à semelhança do método adotado pelo “arqueólogo mal-comportado”, ou seja, aquele capaz de escapar da ditadura da forma e de contestar a preponderância do visível. Carvalho retoma a arqueologia de Sigmund Freud com o conceito, mas se mostra em sintonia, sobretudo, com as teorizações de intelectuais como George Bataille, para quem o olho, uma “guloseima canibal”, seria um objeto de desejo e de repulsa, que nos é inerente e que escapa ao nosso controle (BATAILLE, 1929). Assim, o artista brasileiro investiga o esforço constante das vanguardas de imprimir um efeito de “véu” sobre a superfície, libertando as obras cada vez mais de uma figuração realista e aproximando-as das culturas primitivas, as quais teriam compreendido “bem o valor terapêutico oriundo da sugestibilidade do objeto”(CARVALHO, 2014, p. 55). O arqueólogo mal-comportado, por conseguinte, agiria intempestivamente, enxergando, como sugerira Friedrich Nietzsche, o passado das espécies no núcleo mais profundo, tornado um enigma entre as dobras do tempo.

Ora, sugerimos neste texto que o livro de Carvalho nos leva a repensar noções discutidas pela crítica literária como a do arquivo e a da biblioteca. Caberia, portanto, revisar os dados apresentados a partir do arquivo do autor e recuperarmos os excessos do texto que comentamos, ocultos sob o que fora compilado na edição. Segundo esclarecem Leão e Leite, “O aspecto psicológico e mórbido da arte moderna” fora apresentado no Segundo Congresso Internacional de Estética e Ciência da Arte em Paris, embora tenha sido lido na ocasião por Nicanor Miranda. No entanto, essa conferência nos permite imaginar um *encontro perdido* com o intelectual francês Paul Valéry (1871-1945), o qual estivera presente no evento. Tal proximidade nos levaria a questionar uma perspectiva do arquivo como o que se reduziria à reconstrução da memória e à busca de uma origem, ao permitir que aflore o seu valor de recalçamento, de repressão e de leitura dos registros⁹.

A partir de um dado falho, o qual desvia-se dos recursos da história, a aproximação de Carvalho com Valéry nos permite ver que as considerações carvalheanas sobre a estética sugerem uma convergência entre as artes e a literatura, na medida em que o “berço da força poética” estaria, para esse autor, na “destruição da lógica” pelo dadaísmo. Paul Valéry teria pensado, em uma série de textos reunida sob o título de

⁹ Conforme o conceito de arquivo definido por Jacques Derrida em *Mal de arquivo: Uma impressão freudiana* (2001).

Estética, que a estética consistiria em uma disciplina que se oferece pelo entrecruzamento entre o poético – não a mera imaginação, mas a criação mesma, a *poiética* – e as sensações produzidas no corpo – a *estésica*. Valéry estaria interessado em refletir, igualmente, acerca da deturpação do visível em favor dos desejos e das sensações, seguindo o fluxo, ainda, de outros sadianos como Georges Bataille¹⁰.

Está claro que o autor de *Estética* teria se valido do Henri Bergson em *Matéria e memória* ao argumentar sobre a inexistência da universalidade, pois “todo universo que formamos se relacionaria a um ponto único em que nos aprisiona” (VALÉRY, 1964, p. 54). Sendo o prazer algo que pertence à ordem do incomunicável, tanto como a dor, transformar um objeto em belo significaria torná-lo um enigma. Como Valéry, o brasileiro refutaria a metafísica e a razão em “A única arte que presta é a arte anormal” (1936), reguladas pelas rédeas da escolástica e do belo clássico. Igualmente, inscreveria em *Os ossos do mundo* a sua preferência pela arte primitiva e infantil em detrimento da clássica, visto que “tudo quanto é clássico é culto, preocupa-se com a forma, se interessa pela apuração do gosto, é estandardizado e repetido e visa à produção em massa, é copiado mecanicamente (produção vulgar)” (CARVALHO, 2014, p. 136).

Ambos os intelectuais confluem na concepção de que a estética se vale da sensação e do desejo como matérias-primas, sendo este último o responsável pela impossibilidade de determinarmos claramente os limites dessa disciplina (daí que ela se aproxime, inclusive, da literatura). De acordo com Paul Valéry em “Estética do infinito”, haveria uma dimensão na obra de arte que não pode ser apreendida ou determinada pela linguagem porque pertence à ordem do desejo. Não seria esse um outro nome para o que Flávio de Carvalho denomina de “saudade do não acabado”? A “saudade do não acabado” diz respeito a um impulso jamais satisfeito que permanece em nossa consciência por tratar-se de algo não realizado, pois o passado por si só já se deposita no nosso corpo, na nossa memória, sob a forma de esquecimento, de angústia e de felicidade. Esse tempo outro é acessado em função do presente sem que reconheçamos. Por outro lado, o que “[...] foi percebido pelo homem e que ao mesmo tempo provocou nele um tremor de desejo, [...] conserva-se latente nos domínios da memória

¹⁰ Ver, nesse sentido, a leitura da obra do escritor brasileiro Valêncio Xavier por Raúl Antelo em “O pensamento do Mal” (2014).

e de quando em quando reanima-se e surge como um pesar, uma saudade. (CARVALHO, 2014, p. 84).

Em outras palavras, devemos valorizar os esforços dessa última edição de realizar uma genealogia do arquivo e de tornar conhecidas informações relevantes acerca das diversas facetas de *Os ossos do mundo*, inclusive das versões em inglês. Por outro lado, não podemos perder de vista os sinais que emanam deste texto e que nos atentam para o aspecto institucional e regulador imposto pelo dispositivo do arquivo, o qual, se controlado por um *arconte*, privilegiaria a interpretação do dado como norma. Certamente, a metáfora arqueológica de Carvalho nos impulsiona a pensarmos que a memória tangencia a história, mas dela também diverge, pois se compõe, inclusive, de obliterações. Na impossibilidade de recuperarmos na totalidade o arquivo e a biblioteca do autor, resta nos valermos de ambos como parte de um exercício crítico e criador (e, portanto, *poiético*) que investiga as relações afinitárias como alternativas às proximidades analógicas e factuais. Se Carvalho insinua com a sua investigação acerca dos fósseis da humanidade que a falta (a ferida) é aquilo que nos deforma, marcando o corpo como a porção oculta de desejo e de medo que o contorce, não há razões para lamentarmos a perda, pois o irrealizado é o que nos persegue e torna inesgotável a releitura dos seus textos.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raúl. O pensamento do Mal. In: BORBA, Maria Salete (Org.). *Contatos e contágios: escrituras sobre Valêncio Xavier*. Florianópolis: UFSC, 2014, p. 69-86.

BATAILLE, Georges. Œil. Friandise cannibale. *Documents*, n. 4, p. 215-216, 1929.

CARVALHO, Flávio Rezende de. A única arte que presta é a anormal (1936). In: MATTAR, Denise (Curadora). *Flávio de Carvalho: 100 anos de um revolucionário romântico*. Rio de Janeiro: CCBB, 1999, p. 71-73.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: Uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

KEYSERLING, Hermann Graf. *Meditaciones sudamericanas*. Tradução de Luis López-Ballesteros y de Torres. 1ª ed. Madri: Espasa-Calpe, 1933.

VALÉRY, Paul. *Aesthetics*. Tradução de Ralph Manheim. Introdução de Herbert Read. Nova York: Parthenon Books, Random House, 1964.